

FPA
FACULDADE PAN AMERICANA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

A CRISE DA MODERNIDADE NUM PROCESSO DE PERDA CONCEITUAL E MORAL: A FILOSOFIA PERSONALISTA DO SÉCULO XX EM OPOSIÇÃO AO RELATIVISMO ANTROPOLÓGICO E SUAS MANIFESTAÇÕES.



FPA

FACULDADE PAN AMERICANA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

A CRISE DA MODERNIDADE NUM PROCESSO DE PERDA CONCEITUAL E MORAL: A FILOSOFIA PERSONALISTA DO SÉCULO XX EM OPOSIÇÃO AO RELATIVISMO ANTROPOLÓGICO E SUAS MANIFESTAÇÕES.

**ISRAEL ARAUJO DE SOUSA NETO
JAIME DE JESUS VIEGAS DE GÓES**

CAPANEMA – 2013

**ISRAEL ARAUJO DE SOUSA NETO
JAIME DE JESUS VIEGAS DE GÓES**

**A CRISE DA MODERNIDADE NUM PROCESSO DE PERDA CONCEITUAL E
MORAL: A FILOSOFIA PERSONALISTA DO SÉCULO XX EM OPOSIÇÃO AO
RELATIVISMO ANTROPOLÓGICO E SUAS MANIFESTAÇÕES.**

CAPANEMA – 2013

**ISRAEL ARAUJO DE SOUSA NETO
JAIME DE JESUS VIEGAS DE GÓES**

**A CRISE DA MODERNIDADE NUM PROCESSO DE PERDA CONCEITUAL E
MORAL: A FILOSOFIA PERSONALISTA DO SÉCULO XX EM OPOSIÇÃO AO
RELATIVISMO ANTROPOLÓGICO E SUAS MANIFESTAÇÕES.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura
Plena em Filosofia, apresentado à Faculdade Pan
Americana – FPA, como requisito para obtenção
da graduação em Filosofia.

I73c Sousa Neto, Israel Araujo de, Viegas de Góes, Jaime de Jesus

A Crise da Modernidade num processo de perda conceitual e moral: a Filosofia Personalista do século XX em oposição ao Relativismo Antropológico e suas manifestações. / por Israel Araujo de Sousa Neto e Jaime de Jesus Viegas de Góes – Capanema, Pará: [s.n.] 2013.

49f.; 29cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade Pan Americana. Curso de Licenciatura Plena em Filosofia – 2013.

Inclui referências.

1. Modernidade. 2. Relativismo. 3. Técnica. 4. Bioética. 5. Vida Humana. I. Título II. Prof. Msc. Cardoso, Wladirson, orientador.

CDD 100

CDU 100.17

**ISRAEL ARAUJO DE SOUSA NETO
JAIME DE JESUS VIEGAS DE GÓES**

**A CRISE DA MODERNIDADE NUM PROCESSO DE PERDA CONCEITUAL E
MORAL: A FILOSOFIA PERSONALISTA DO SÉCULO XX EM OPOSIÇÃO AO
RELATIVISMO ANTROPOLÓGICO E SUAS MANIFESTAÇÕES.**

Banca Examinadora:

ORIENTADOR: Prof. Msc. Wladirson Cardoso

1º Examinador

2º Examinador

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

DEDICATÓRIAS

AO MEU PRIMEIRO AMOR, JESUS CRISTO, RAZÃO DO MEU EXISTIR. ÀS MINHAS FAMÍLIAS, IGREJA EM BRAGANÇA E EM CASTANHAL; BIOLÓGICA E ADOTIVA: MEUS QUERIDOS PAIS, IRMÃS E IRMÃOS; MEUS AMIGOS QUE, COM SINGELEZA, ME INSPIRAM E AJUDAM A CONSTRUIR A HISTÓRIA QUE SE DESENVOLVE ATÉ AQUI.

ISRAEL ARAUJO DE SOUSA NETO

À MINHA MÃE, IRMÃOS, AMIGOS E A TODOS QUE FAZEM PARTE DO MEU PROJETO DE VIDA; AOS IRMÃOS E IRMÃS QUE ME ACOLHEM E PARTILHAM COMIGO O DOM DA VIDA.

JAIME DE JESUS VIEGAS DE GÓES

AGRADECIMENTOS

AO DEUS DA VIDA, QUE NOS CONCEDE PARTICIPAR DO SEU CONVÍVIO, E NOS ACOLHE EM SEU AMOR, CHAMA-NOS À VIDA, PERMANECE CONOSCO E NOS FORTALECE COM SUA ALEGRIA.

EPIGRAFE

A GLÓRIA DE DEUS É O HOMEM VIVO.

SANTO IRENEU DE LYON

RESUMO

Este trabalho pretende destacar o Período Moderno como grande influente na vida do homem, a partir do Período das Luzes. Entendido como o centro do universo do conhecimento, neste momento histórico, o Homem tem todas as atenções voltadas para si. Na Modernidade, o ser humano encontra-se num processo constante de reducionismo. Visto de forma unilateral, e considerado como *coisa*, ele é privado de seus direitos mais básicos e levado à alienação, perdendo sua liberdade. Destaca-se, além do Relativismo Antropológico, o Relativismo Ético, como manifestação do reducionismo. É possível verificar que, no Período Moderno, sobressai a chamada Idade da Técnica que, associada ao pragmatismo, acentua ainda mais radicalmente a redução do homem à condição de *coisa*: tanto os conceitos fundamentais são relativizados, como também o ser humano é considerado descartável. Considera-se ainda o modo com o qual a Modernidade se manifesta enquanto uma Pedagogia da Relatividade. Por fim, uma discussão sobre o valor da Vida Humana, numa visão da Bioética Personalista, diante de uma realidade que massacra o humano, seja no ambiente da técnica, seja da ciência. Considerando a realidade neste ângulo, é possível a conclusão de que a vida humana deve ser valorizada, respeitada e preservada na sua integralidade. Para uma melhor compreensão e posicionamento, ao longo de toda a exposição tem destaque especial o pensamento de João Paulo II, grande defensor da filosofia personalista do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade, Relativismo, Técnica, Bioética, Vida Humana.

ABSTRACT

This paper aims to highlight how big the Modern Period influential in the life of man, from the Period of Lights. It was Understood as the center of the universe of knowledge, in this historical moment, the man has all the attention focused on you. In modernity, the human being is in a constant process of reductionism. It is seen unilaterally, and regarded as something he is deprived of their most basic rights and led to alienation, losing his freedom. Stands out beyond the Anthropological Relativism, Ethical Relativism, as a manifestation of reductionism. It is possible to check that in the Modern Period, the call stands Age of Technique which combined with pragmatism, further accentuates radically reduces man to the status of thing: both the fundamental concepts are relative, but also the human being is considered disposable. We also consider the way in which modernity manifests while a Pedagogy of Relativity. Finally, a discussion on the value of Life, a vision of Bioethics Personalist, facing a reality slaying the human being in the environment of the technical or science. Considering the factthis angle, it is possible to conclude that human life should be valued, respected and preserved in its entirety. For a better understanding and positioning throughout the exhibition has special prominence the thought of John Paul II, a great defender of the personalist philosophy of the twentieth century.

KEYWORDS: Modernity, Relativism, Technical, Bioethics, Human Life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1- UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA MODERNA.....	19
CAPÍTULO 2- O FENÔMENO DO RELATIVISMO, NA MODERNIDADE.....	21
2.1. A FALSA NOÇÃO DE LIBERDADE.....	23
CAPÍTULO 3- A IDADE DA TÉCNICA E O IMPACTO DO PRAGMATISMO.....	25
3.1. TÉCNICA E TECNOLOGIA NO UNIVERSO MODERNO	25
3.2. O IMPACTO DO PRAGMATISMO.....	27
3.2.1. PRAGMATISMO E TÉCNICA.....	29
CAPÍTULO 4- CRISE ANTROPOLÓGICA: O HOMEM NA IDADE DA TÉCNICA. 32	32
4.1. O ANTHROPOS ORIGINAL.....	32
4.2. CIÊNCIA E TECNOLOGIA, NO PERÍODO MODERNO.....	32
4.3. O HOMEM, NA IDADE DA TÉCNICA.....	34
4.4. O MODERNO ENTENDIDO COMO PEDAGOGIA DA RELATIVIDADE.....	35
4.5. UM PROCESSO DE <i>COISIFICAÇÃO</i> : O HOMEM REDUZIDO A INSTRUMENTO..	36
CAPÍTULO 5- BIOÉTICA PERSONALISTA: UMA PROPOSTA DE VALOR À VIDA.....	38
5.1. ORIGEM E IDEAL DA BIOÉTICA PERSONALISTA.....	38
5.2. DIGNIDADE HUMANA, CIÊNCIA E ABORTO.....	39
5.3. UMA CULTURA DE MORTE.....	42
CAPÍTULO 6- EM DEFESA DA VIDA HUMANA.....	44
6.1. UM DEFENSOR DA VIDA.....	45
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

A modernidade pode ser definida como período que durou os últimos quatro séculos; e se encontra em crise. O início do Período Moderno pode ser percebido coincidente com a Renascença, a descoberta das Américas, do Brasil, e com a transição do período medieval para o capitalismo. No período do Renascimento (séculos XV e XVI), o mundo testemunhou profundas transformações no campo da política, da economia, das artes e das ciências; foram retomados valores da cultura clássica (representada pelos autores gregos e latinos), como a autonomia do pensamento e o uso individual da razão, opondo-se aos valores medievais, como o domínio da fé e a autoridade da Igreja.

Segundo artigos publicados em revistas de identidade católica nos últimos dez anos, o momento presente pode ser entendido não simplesmente como uma época de mudanças, mas, sobretudo, como uma mudança de época. No início do terceiro milênio rumora um conceito incerto e certamente impreciso, chamado *pós-modernidade*. Surge então um primeiro questionamento: é possível afirmar uma pós-modernidade, visto que os fenômenos do Período Moderno continuam tão fortes e presentes? Antes eram muito nítidos os momentos de transição; por exemplo, no período medieval, toda a cultura atentava para a figura divina, evidenciando a ideia de Deus; logo em seguida, no período chamado Moderno, as atenções se voltam ao ser humano; e isso, de certa forma, continua ainda muito presente.

O conhecimento (Filosofia), no decorrer da história, sempre atuou com características e modos próprios de pensar sobre as diversas questões que lhe pareciam em evidência: no seu início perguntava-se sobre a origem (*arché*) do mundo (*physis*); num momento posterior, preocupou-se em questionar a respeito do homem e suas qualidades e atitudes, modos de pensar, virtudes e vícios... Com o decorrer dos séculos, muitas outras questões foram levantadas até a respeito do que era aparentemente inquestionável. Assim, pois, uma crítica à chamada Modernidade deverá seguir nessa direção.

O homem sempre foi o centro de muitas discussões, justamente pelo fato de ser a “coisa inacreditável e maravilhosa”¹, que chama atenção, como afirma Giovanni Pico Della Mirandola, filósofo italiano, século XV. Exatamente por possuir essa característica de centralidade, o homem se torna o “objeto” do pensamento moderno, visto que é ele a grande maravilha, dentre todas as *coisas* naturais.

A Modernidade é caracterizada principalmente pela postura relativista que apresenta, isto é, uma vez que tudo é visto a partir de um ângulo ou relação particular, passa a ser relativo; entretanto, isso somente ocorre se observada de antemão uma conveniência específica. Esse fenômeno tem início no período do Iluminismo, onde a razão ganha destaque e a tradição é descartada, considerada lixo. Graças a este fato, a mentalidade relativista adquire acentuado predomínio, por veicular e dogmatizar uma controversa e deturpada ideia de independência da razão. Porém, esta visão da realidade e da razão ainda se faz notória nos dias atuais, sem mostrar qualquer sintoma de enfraquecimento.

Enquanto os iluministas afirmam, em pleno período culminante da razão (séc. XVIII), uma liberdade do conhecimento, das ciências, do homem (...de tudo!), pensadores do século XX e XXI ainda tecem suas críticas direcionadas àquele – ou melhor dizendo, a este – momento histórico. É o que faz Alain Finkielkraut, referindo-se àqueles:

Esses caluniadores do lugar-comum não libertaram o entendimento de suas correntes, eles o cortaram de suas origens. O indivíduo que deveria, graças a eles, sair de sua condição de minoridade, foi, em realidade, esvaziado de seu ser. Por ter querido ser causa de si, renunciou a si próprio. Em sua luta pela independência, perdeu toda substância. Pois as promessas do *cogito* são enganosas: liberto do preconceito, subtraído à ascendência das máximas nacionais, o sujeito não é livre, mas ressecado, desvitalizado, como uma árvore privada de seiva.²

A construção da Modernidade é a desumanização do homem; construção na qual a Verdade – almejada, valorizada e buscada desde os princípios do pensamento racional – já não importa ou, sequer, existe.

¹ MIRANDOLA, Pico Della. **Discurso sobre a Dignidade do Homem**. 70. ed. Lisboa, 1989. p. 49

² FINKIELKRAUT, Alain. **A Derrota do Pensamento**. São Paulo: Paz e Terra, 1987. p. 34.

Com a paulatina chegada e permanência da Modernidade, seja no campo ético do conhecimento, seja no científico tudo o que existe a respeito do estudo da vida, passa a ser considerado como passível de relativização. Assim sendo, todos os conceitos éticos construídos até então, passam por este processo.

Juntamente com a modernidade chega a técnica, nunca desvinculada da ciência. Ela faz com que tudo o que está ao seu redor passe por uma “evolução”, de modo que o mundo não é mais aquele das coisas e do homem, mas é o mundo da tecnologia e do incontível avanço científico. A técnica vê o homem como *coisa* passível de manipulação e usa-o como lhe convém. Alertando contra esse perigo, ao mesmo tempo em que tece sua crítica ao Período Moderno e todas as suas influências, Umberto Galimberti diz que

A técnica, porém, pode ser definida como a forma mais elevada de racionalidade humana (...), por ser absolutamente anônima e indiferenciada (...) Mas o produto superou o produtor, motivo pelo qual estou convencido de que todos aqueles que usam o computador são inferiores ao computador que usam, no sentido de que são capazes de “manipulá-lo” como um simples instrumento...³

A esse respeito, e defendendo um pensamento novo, personalista, um dos grandes papas do século XX e início do século XXI, João Paulo II, lembra perfeitamente qual o efeito causado por uma época de “degradação sobrenatural”. Segundo ele, ao relativizar tudo o que está à sua vista, o mundo perde a noção de absoluto; de fato, o absoluto de nada importa na Modernidade.

Ao referir-se a Deus, enquanto princípio e fim de todas as coisas, João Paulo II diz que “a busca da verdade última parece muitas vezes ofuscada”⁴. Tal consideração é feita quando se observa o estatuto a que chegou a Modernidade que, disposta a tudo e impondo todos os meios possíveis – dentre os quais se destaca a *técnica* – para instaurar sua forma de perceber, refletir e atuar na realidade, chega ao ponto de relativizar até aquilo que antes era considerado

³ GALIMBERTI, Humberto. **A Arte na Idade da Técnica** – Entrevista à Caterina Falomo. Disponível em <http://www.socialist.net/caffe/intergalimberti.htm>, Acessado em 13/07/2003. Revisto em 25/06/2013, em <http://www.lacritica.net/galimberti.htm>.

⁴ JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 11.

“Absoluto”. É graças a essa relativização – considera João Paulo II – que a Verdade sequer importa.

Além dessa instrumentalização do homem pela Modernidade, é possível observar de que modo a ciência age em relação ao homem. Na maioria dos casos, visa somente um interesse pessoal ou de uma minoria (como a evolução da própria ciência, o progresso tecnológico, o lucro), sem dedicar valor ao homem enquanto pessoa, ou ainda resguardar sua dignidade. Sendo assim, o conceito de dignidade humana também é alterado pelo processo moderno de relativização, de modo que se lhe é aplicado somente de acordo com conveniências favoráveis aos maiores interessados; isto é, não importa quantas vidas sejam sacrificadas, o que está em jogo é o avanço científico, que evidencia um interesse maior; contudo, invisível. João Paulo II afirma que o homem é o protagonista da existência neste mundo, e o responsável por resguardar o tesouro mais importante de sua existência: a vida. Ele, comentando sobre o valor da vida humana e o modo como Deus concebe o homem para que valorize e preserve a vida, diz:

Chamado a cultivar o jardim do mundo (cf. *Gn* 2,15), o homem detém uma responsabilidade específica sobre o *ambiente da vida*, ou seja, sobre a criação que Deus pôs a serviço da sua dignidade pessoal, da sua vida: e isto não só em relação ao presente, mas também às gerações futuras.⁵

Considerando o que argumenta o papa, é possível perceber que todo relativismo consequente da Modernidade, só tende a crescer e a tornar-se cada vez mais destrutivo; é um processo progressivo e contínuo de degradação – por isso a consideração acima, de que a Modernidade não mostra nenhum mínimo sintoma de enfraquecimento.

Além disso, o pior: o ser humano é sempre, em primeiro plano, vítima e, num segundo, o vilão causador de toda essa crise. Vítima, porque num dado momento as consequências de um pensamento relativo e relativista manifestam-se contra o próprio homem; exemplo disso é

⁵ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica **Evangelium Vitae**, do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos, Presbíteros e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas, aos fiéis leigos e a todas as pessoas de boa vontade: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 82.

o relativismo moral e ético, com o qual se exalta mais a “legalidade” e menos a “justiça” em sentido absoluto. Em um segundo momento, ele é também o causador de toda essa degradação porque o pensamento relativizado e relativista é desenvolvido pelo próprio homem, em vista de benefícios particulares, criando assim um sistema convenientemente agradável a si próprio, segundo suas próprias intenções, sem, no entanto significar que lhe será benéfico. Entretanto, tais conveniências, de vez em quando falham, e quem leva ‘a pior’ é sempre o seu idealizador.

Por fim, quando o homem se dá conta do que criou, e de como lhe será prejudicial, já é tarde, não há como voltar ou desfazer. Deste modo, por mais que este homem seja, na Modernidade, o centro do universo existente, mesmo assim é o maior atingido pela chamada revolução tecnológica. É claro que, de modo nenhum, o homem é apenas vítima; é também “causador” de todo este avanço, visto que ele é o criador, tanto da ciência quanto da técnica.

Ponderados os argumentos levantados, entende-se que o homem tem um compromisso original intrínseco à sua personalidade: o de cuidar da vida e de preservá-la, a fim de que nunca se perca, mas que permaneça e goze de valorização, também por parte dos demais, pois sem o Homem, a vida não tem sentido. De fato, para o conhecimento nos vários estágios históricos, o homem sempre foi o assunto em questão, desde a Filosofia Clássica, até aos dias atuais.

Portanto, deixar o homem em segundo plano e preocupar-se com o que, na verdade, é secundário, é cometer grande injustiça, uma vez que o homem foi e sempre será o “ser inacabado”, em movimento, que passa por constantes descobertas. É preciso que todos percebam-no como ser livre. E essa liberdade não lhe pode ser tirada nunca, pois está intrinsecamente ligada à sua essência de ser humano; muito embora a Modernidade, com toda a sua carga de relativismo e desvalor à vida, insista em vê-lo de forma fragmentada, reduzida e relativizada, o que acaba por aprisioná-lo, aliená-lo, matá-lo.

A liberdade é fundamental, pois é ela que caracteriza o homem como aquilo que ele essencialmente é: um ser livre. Ligados ao conceito de liberdade, surgem alguns problemas que se manifestam na Modernidade, tais como: confundir seu significado próprio, atribuir-lhe conceituação conveniente, achar que se pode encontrar simples soluções para questões pertinentes, dentre outros; esse fato aumenta mais ainda a problemática. Quanto a essa questão, é interessante recorrer ao entendimento filosófico, em busca de uma conceituação mais equilibrada. Um dos dicionários mais conhecidos na pesquisa filosófica traz:

Os problemas da Liberdade no mundo moderno não podem ser resolvidos por fórmulas simples e totalitárias (como seriam as sugeridas pelos conceitos anárquicos ou necessaristas), mas pelo estudo dos limites e das condições que, num campo e numa situação determinada, podem tornar efetiva e eficaz a possibilidade de escolha do homem.⁶

Tratada como *coisa*, alienada por ideologias, privada de sua liberdade, a pessoa humana sofre com todo esse processo de relativização do mundo e sua própria, e com isso, todo o gênero é afetado. Apesar de ser uma proposta nova, a Modernidade comete um grave erro: ver o homem a partir de um ângulo único, isto é, dirige-lhe um olhar unilateral, achando que resumir, reduzir e fragmentar o homem seja a melhor forma para compreendê-lo. Na Modernidade, o humano passa por um processo de ludíbrio, de ilusão: aquilo que lhe foi apresentado como libertador, aprisiona; o que lhe prometia autonomia e liberdade, escraviza. A Modernidade deforma o mundo humano, priva este homem de ser Humano. Eis a crítica!

⁶ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia / Nicola Abbagnano**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 613.

CAPÍTULO 1: UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA MODERNA

Desde que se reconhece como ser capaz de recriar, observar, investigar, pensar... o Homem percebe que possui capacidades e as desenvolve, quando se fala de um aperfeiçoamento sobre a maneira de “ver” a realidade que o cerca e da qual faz parte. Este mesmo Homem sente-se impelido a encontrar a Verdade de cada coisa existente; e esta, não é uma novidade, pois, desde que se reconhece como tal, o homem realiza este itinerário. E é grandioso o fato de se perceber como aquele que pensa e que age.

Contudo, desde que se instaurou e solidificou a chamada Modernidade, não só o conhecimento, mas os conceitos e a própria postura diante da realidade passaram a ser aplicados com base na chamada “soberba filosófica”, como menciona João Paulo II, ao falar sobre esse período histórico, por ele entendido como ainda presente e atuante na contemporaneidade. O homem passa a ser apenas um instrumento passível de manipulação, sob o domínio de um *mundo modernizado*⁷; e não só ele, mas também a própria Razão.

Como ser pensante, dotado de capacidade singular de juízo e senso crítico diante de sua realidade, o homem tem em si, de modo implícito, a Filosofia: busca avidamente por respostas que lhe saciem o desejo natural pela verdade. A Filosofia, por sua vez, vê o homem como centro, sobretudo a Filosofia Moderna; mas, não é ainda o momento propício para concordar ou não com esta característica, pois mesmo que o homem seja o objeto central do pensamento moderno, ainda assim, a chamada Modernidade insistiu – e insiste – em dedicar a ele uma visão unilateral, como bem evidencia João Paulo II, no desenvolvimento do seu pensamento, em linha personalista.

O papa fala do perigo de investigar de maneira unilateral o homem, isto é, a partir de um único ângulo, buscando entendê-lo de forma integral. E aqui se encontra um dos grandes perigos da atualidade: desvalorizar o homem na sua integralidade e atribuir valor somente a

⁷ Entenda-se aqui o sentido pejorativo da expressão, justificado pelos fenômenos considerados definidores desse período e principal característica que identifica este momento de crise.

aspectos seus exteriores; sem mencionar a questão da Verdade, reduzida à mera opinião, no Período Moderno. Se o homem é o detentor da sabedoria, há que se levar em conta que “a sabedoria sabe e compreende todas as coisas”⁸. O homem é um Ser que deseja saber, pois saber, conhecer, são características próprias de cada ser humano.

Comentando o “fenômeno da Modernidade”, João Paulo II posiciona-se firmemente sobre o risco da visão unilateral do ser humano. E afirma que

A filosofia moderna possui, sem dúvida, o grande mérito por ter concentrado a sua atenção sobre o homem (...) Todavia, os resultados positivos alcançados não devem a transcurar o fato de que essa mesma razão, porque ocupada a investigar de maneira unilateral o homem como objeto, parece ter-se esquecido que este é sempre chamado a voltar-se também para uma realidade que o transcende. Sem referência a esta, cada um fica ao sabor do livre arbítrio, e a sua condição de pessoa acaba por ser avaliada com critérios pragmáticos baseados essencialmente sobre o dado experimental, na errada convicção de que tudo deve ser dominado pela técnica. Foi assim que a razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a tensão para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar o olhar para o alto e ousar atingir a verdade do ser.⁹

Visto apenas como *coisa*, entregue a critérios pragmático-experimentais e refém da técnica e do conhecimento imediato, como meios decisivos e definidores em relação à sua própria vida e existência nesse mundo, o homem é considerado apenas como meio pelo qual se materializam as aspirações de um pensamento deturpado e distorcido. João Paulo II exprime bem sua consideração a respeito do que acontece com o homem na Modernidade, e alerta para os perigos de um pensamento desfocado, negativo e reduzido.

Percebe-se que na Modernidade o conhecimento parece ter caído numa armadilha: o Período Moderno levou “a investigação filosófica a perder-se nas areias movediças dum ceticismo geral”¹⁰. O ser humano é tratado de forma relativizada, e já não importam suas necessidades ou aspirações. Desse modo, o conceito de humanidade é aplicado de forma equivocada e o homem se torna *coisa*. Veja-se o claro exemplo do mercado capitalista, tão presente, forte e atuante na contemporaneidade: homem relativizado, humanidade reduzida.

⁸ BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Sabedoria 9, 11. São Paulo: Paulus, 2001.

⁹ JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 11.

¹⁰ *Ibidem*.

CAPÍTULO 2: O FENÔMENO DO RELATIVISMO, NA MODERNIDADE

Desde que se instituiu o chamado “Período Moderno”, o mundo no qual o homem reside sofre constantes transformações; eis uma das características mais marcantes deste tempo! A Modernidade trouxe consigo uma série de “junções de variados conceitos”, fazendo com que tudo o que se conhece passe por radical mudança no seu mais íntimo sentido. O que caracteriza a Modernidade como chave de um novo espaço de compreensão é o chamado Relativismo, imediatamente identificado pela transvaloração moral e conceitual, isto é, desde que um conceito obedeça a conveniências pessoais, ou a interesses particulares, é aceito ou descartado. A Modernidade traz, além do relativismo moral, uma série de outros fatores que influenciam na forma de pensar, de ser e de compreender.

José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, em seu livro “Mundo Pós-Moderno”, expõem o que realmente se entende hoje pelo tão falado Relativismo, característica do chamado “Período Pós-Moderno” – assim chamada por eles a Modernidade, embora aqui não se aceite pacificamente esta nova conceituação. Eles dizem que

Uma das características mais marcantes de nossa época é o relativismo de todos os conceitos e noções políticas, culturais, éticas e estéticas. Não há mais qualquer noção de “bem” ou “mal”, de “certo” ou “errado”, de “belo” ou “feio” que seja aceita por uma parcela significativa de uma nação ou de uma sociedade.¹¹

A partir da teoria da relatividade, desenvolvida por Albert Einstein (ou o “*tudo é relativo!*”, que se lhe é atribuído), percebe-se o constante avanço de pensamentos portadores de total *des-atenção* a tudo o que de verdade possa atribuir valor à vida humana e social.

Há no chamado Período Moderno uma “praga” que grassa de forma alarmante por todos os espaços da vida do homem: exatamente a consideração de que tudo seja relativo. Isso traz grandes prejuízos à vida humana, pois provoca uma desvalorização antropológica: é *certo* somente o que é conveniente a interesses particulares – muitas vezes de pessoas ou grupos descompromissados com a verdade das coisas –, de forma que conceitos metafísicos como,

¹¹ ARBEX, José; TOGNOLI, Cláudio Júlio. **Mundo Pós-Moderno**. São Paulo, Editora Scipione, 1996. p. 6.

por exemplo, “bom” e “belo” são reduzidos à compreensões paupérrimas, sem atentar ao que realmente produz vida no homem. Com isso, entra em cena o problema – também característico da Modernidade – do Reduccionismo Antropológico que, com o auxílio do pensamento de João Paulo II, será refletido mais adiante.

O chamado *Fenômeno do Relativismo* ocorre primeiramente como forma de contestação de conceitos já existentes, transparecendo um ideal de liberdade e independência. Um exemplo bem atual é a questão Bioética que trata, dentre outras questões, sobre a valorização e preservação da Vida Humana. Após contestar conceitos já instituídos, o relativismo realiza nova construção conceitual para diversos pontos em questão, atribuindo-lhes características novas e provocando radicais mudanças no entendimento já construído. Para tal, um pensamento que se institui necessita uma verdadeira rede de apoio, de modo que nada se faz sozinho, mas conta-se com a ajuda de muitos meios, a fim de alcançar um objetivo conveniente aos os interessados; na modernidade é assim que acontece.

Um caso interessante a ser mencionado é o *auxílio* prestado pelos Meios de Comunicação de Massa (MCM) que, visando determinada finalidade, constroem, graças ao seu grande poder de *presença*, uma nova mentalidade, nova compreensão sobre o que está em questão. O homem passa por um processo ideológico que o aliena a torna cada vez mais dependente. Contudo, é bom lembrar que os MCM – com destaque à televisão – não existem independentes do relativismo moderno, mas são sua mais pura e fiel forma de manifestação. Isso ocorre de forma extremamente inteligente, silenciosa e covarde, pois com um pouco de tempo, e com uma boa dose de persuasão, conseguem ganhar a aceitação de um grande público e, rapidamente, da maioria das pessoas.

Também é bom destacar que, com a Modernidade e todos os seus atributos carnavalescos ilusórios, fica bem mais fácil aceitar uma resposta já elaborada e “embelezada” para determinada questão, do que pesquisar e investigar a respeito. E o mais incrível é que,

gradativamente, novas e deturpadas compreensões acerca de conceitos fundamentais – como a vida e o homem, por exemplo – são lançadas e aceitas sem o mínimo de contestação. Eis o momento em que o homem é deseducado, não pensa mais, abandona sua essência! O pior é a perda da consciência do seu compromisso original de cuidar da vida e preservá-la.

2.1- A FALSA NOÇÃO DE LIBERDADE

O relativismo, longe de ser um fenômeno somente benéfico ao ser humano, deturpa e confunde o que encontra pela frente, instaurando sua nova e apodrecida compreensão do que é peculiar ao ser humano e que é extremamente importante para a vida de cada pessoa: a Liberdade. Uma das formas mais convincentes de manifestar o relativismo é através dos MCM, como já se viu anteriormente; é bom lembrar para que não se perca o fio da crítica.

Hoje em dia o que os MCM fazem entender por liberdade – e que acaba se solidificando nas pessoas, especialmente nos jovens – é que ser livre é não estar preso a nada, é viver a vida baseada nas constantes experiências às quais estão todos os homens sujeitos; ser livre é não ter a mínima relação com a tão temida “responsabilidade”; é viver o presente e se entregar ao *acaso*. Ressoa assim, a tão conhecida “marchinha da liberdade”: “Deixa a vida me levar, vida leva eu ...” propagada pela música popular brasileira.

Em relação ao mau uso da liberdade e à presença de um liberalismo demasiadamente simplificado, João Paulo II alerta para as consequências devastadoras que se produzem a partir de tal mentalidade, e diz que o perigo

Está no fato de que, no uso da liberdade, pretende-se prescindir da dimensão ética, isto é, da consideração do bem e do mal moral; uma certa concepção da liberdade, que goza atualmente de larga repercussão na opinião pública, desvia a atenção do homem das responsabilidades éticas. Aquilo que importa hoje é a liberdade pura e simples (...) É claro que um liberalismo da tal gênero só pode classificar-se como primitivo; em todo caso, a sua influência é devastadora.¹²

¹² JOÃO PAULO II. *Memória e Identidade de João Paulo II*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 45-46.

Percebe-se de que maneira a *técnica* possibilita a propagação de uma liberdade a partir daquilo é produzido, ou seja, o homem deixa de ser valorizado pela sua condição de homem, de pessoa humana, passando a ser considerado pelo que produz, pela sua *competência técnica*. O Homem, se não possui esta característica não pode ser livre, não possui valor, não serve. Trata-se da Crise Antropológica da qual é acusada a Modernidade, promotora do reducionismo do homem na Idade da Técnica; este ponto será explorado e comentado mais adiante, quando retomada esta questão.

CAPÍTULO 3: A IDADE DA TÉCNICA E O IMPACTO DO PRAGMATISMO

3.1- TÉCNICA E TECNOLOGIA NO UNIVERSO MODERNO

O termo *tekné*, vem do grego, e significa habilidade, no que diz respeito a construir ou resolver algo. Com isso, na Modernidade, o que se entende por técnica é aproximado de seu significado radical: aquilo que ajuda a resolver, de forma eficaz, determinado problema. Entra em cena a questão do pragmatismo, muito discutida e desenvolvida no século XX.

Aqui, pode-se diferenciar técnica – que já foi mencionada anteriormente – de tecnologia; esta segunda apresenta-se como característica da primeira, isto é, representa os diversos avanços ocorridos na Modernidade; é entendida enquanto inovação, avanço e progresso, como no caso da televisão, do computador, da internet, da robótica... enfim, de um número incalculável de manifestações tecnológicas.

A Técnica surge na Modernidade com propostas novas de evolução, apresenta-se como agradável a todos, tornando as coisas *mais fáceis* e apresentando sempre mais novidades para a vida de todos; eis a atual identidade da técnica: novidade. Mostrando-se como meio de facilitar tudo, conquistou grande espaço na vida do Homem, a ponto de ocupar lugares que, até então, eram reservados apenas às pessoas. Um exemplo bem conhecido é o ocorrido a partir da Revolução Industrial, quando a máquina passou a ocupar o lugar da pessoa. Hoje o que ocorre no tão almejado Mercado de Trabalho, por exemplo, não é diferente; e não só no Brasil, mas em todas as sociedades onde é presente o capitalismo.

O Mercado de Trabalho recruta para o seu exército somente os mais *infectados* pela tecnologia: os que têm domínio em informática, que saibam navegar na Internet, que possuam habilidade de marketing... enfim, que sejam *competentes*. Apenas a estes é dada a chance de ingressar num ramo de trabalho. Mas isso, aos olhos dos poucos interessados, é extremamente progressista, inovador, é louvável, é avanço. Cabe dizer ainda que a técnica se manifesta

como fruto da Modernidade, no momento em que oferece facilitação para tudo aquilo que existe na vida das pessoas. Se é assim, nada mais é difícil de ser feito ou entendido. Tudo é simplificado: a técnica oferece meios para se alcançar os fins desejados. Porém, o que aqui não aparece é o fato de que, no fim das contas, aquilo que parecia apenas um meio – a técnica – acaba por ser um fim; e isso faz com que ganhe autossuficiência, de tal forma que não para nunca, cresce sempre mais.

Em entrevista à Caterina Falomo, o antropólogo Umberto Galimberti afirma que

Hoje a técnica não é mais um meio porque, tendo-se tornada a condição universal para realizar qualquer finalidade, ela se tornou a primeira finalidade: aquilo a que nós nos dirigimos, antes de mais, e a cuja conquista todos os homens tendem. Só que, quando um meio se torna fim, se revela também um meio sem fins. Desta maneira, a técnica acaba tornando-se fim. Portanto, a situação torna-se inda mais dramática, pois ela tende exclusivamente ao próprio potenciamento.¹³

O que Galimberti acentua é o fato de que a técnica ganhou, ao longo de seu desenvolvimento, tal solidez que tem se tornado praticamente impossível um domínio ou controle sobre ela, ou seja, quanto mais se desenvolve, mais ganha potência, espaço e, por consequência, mais aceitação.

No auge da Idade da técnica, o *verdadeiro valor* é dado àquilo que proporciona avanços cada vez mais novos e surpreendentes, como no caso de pesquisas científicas; tudo num contexto pragmático, baseado unicamente na experiência, sem se importar se os resultados influenciarão ou não para o bem na vida das pessoas. O importante para o *pragmatismo técnico* é realizar a experiência. O que diz respeito à vida deve ser tratado pelas ciências biológicas. Eis um claro exemplo da não valorização da vida, do homem, e de todo e qualquer ser vivo. Isto é somente uma forma de manifestação do mais puro relativismo.

Na Idade da Técnica até aquilo que não poderia sofrer relativização, acabou sendo relativizado. É o caso da Ética. Hoje já não se fala mais em uma ética, mas em “visões éticas”,

¹³ GALIMBERTI, Humberto. **A Arte na Idade da Técnica** – Entrevista à Caterina Falomo. Disponível em <http://www.socialist.net/caffe/intergalimberti.htm>, Acessado em 13/07/2003. Revisto em 25/06/2013, em <http://www.lacritica.net/galimberti.htm>.

que se baseiam fidedignamente na descrição feita acima, a do relativismo: cria-se o conceito a partir de compreensões baseadas em interesses particulares, convenientes ao benefício de algumas pessoas ou grupos. Graças a esta relativização da ética – no sentido pragmático –, a técnica acaba por ocupar, com seu arcabouço de inovações, o *espaço ético* da vida do homem, isto é, o que antes era tido como ética, agora é transformado em *visões éticas*, com o objetivo de conseguir convergência a tal ponto que se dirija a um único e específico alvo: o homem.

Agora, ético é aquilo que beneficia, não exatamente ao homem, mas à técnica, à ciência, aos grupos, aos *poucos*... Pensado assim, o *ético moderno* cai num grave erro: pensa que se pode ter uma ética particular, segundo interesses próprios. A ética existe para o bem da pessoa humana e não como auxílio a um crescente processo de degradação pessoal e moral.

O que realmente deve existir é uma consciência universal, que valorize o homem, a ética, o mundo, o conhecimento. É necessário que o homem, respeitando a si e aos outros e encaixando-se num padrão ético universal, perceba a sua capacidade de ser livre e de conviver com a técnica, existente, não para sua própria degradação e destruição, mas para a melhoria geral em sua vida, para seu benefício.

3.2- O IMPACTO DO PRAGMATISMO

O estudo sobre o Pragmatismo favoreceu uma nova visão sobre a sociedade e suas novas necessidades. Iniciado por Pierce e continuado por James, o Pragmatismo vem sendo apresentado como uma possibilidade nova de desenvolver o conhecimento, a partir de ações práticas. Esse pensamento se fundamenta na ideia de um saber prático e útil no campo dos conhecimentos científico-tecnológicos.

O Pragmatismo é entendido como a forma de conhecimento que apresenta soluções para as mais diversas necessidades; entendimento a respeito daquilo que o homem busca desde sua origem: a verdade. Contudo, portador de um modo próprio de concepção e

influenciado pela realidade moderna, o pragmatismo concebe a verdade apenas como um meio para se alcançar um fim desejado – tal como o faz a Modernidade de uma forma geral. Contudo, é preciso reconhecer que no pragmatismo, assim como na ciência, a verdade se estagna, e não tem mais tanta influência sua presença ou não, seu alcance ou perda de sentido. De fato, aliado à técnica, o pragmatismo não olha para a necessidade ou significância do homem, mas deseja e busca somente o imediato. Deste modo, a verdade pode até representar uma realidade constante dentro da ação prática, mas sem muita presença.

A intenção do pragmatismo, alimentando ideias reforçadas pela técnica e pela modernidade como um todo, é conceber a verdade como mutável, passível de transformações na essência e no sentido. Concorda que a verdade exista, porém, se a concebe enquanto conhecimento, afirma-a com essa característica de mudança, longe de qualquer noção de absoluto: assim como o conhecimento está sempre em mudança, o mesmo ocorre com a verdade. De fato, todo o pensamento moderno caminha nesse sentido: distancia-se de qualquer afirmação de absoluto, relativiza todas as questões pertinentes, fragmenta e procura *compreender*.

Definida desta forma pelo pragmatismo, a verdade pode ser afirmada como uma simples maneira de romper uma dificuldade, a fim de se alcançar o conhecimento. Peirce conceitua o conhecimento dizendo o que ele representa para o pragmatismo e diferenciando-o de compreensões tidas por outros autores não pragmáticos, já que “para Peirce, o conhecimento é pesquisa. E a pesquisa se inicia com a dúvida. É a irritação da dúvida que causa a luta para se obter o estado de crença, que é estado de calma e satisfação”¹⁴. Assim, o conhecimento pragmático, é uma forma de dar ao homem, possíveis respostas, de forma rápida e eficiente, proporcionando-lhe alcançar uma verdade que lhe seja útil; e sem afirmação dogmática, visto que o conhecimento está em mudanças.

¹⁴ REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1991, p.496.

3.2.1- PRAGMATISMO E TÉCNICA

O homem pragmático é um ser em ação, segundo apresenta Admarco Serafim:

... Como a vida lhe parece uma série de projetos e problemas, o homem pragmatista se ocupa tão somente com “assuntos práticos e materiais”, enfrentando as coisas que podem ser resolvidas através de seus próprios esforços e deixando de lado aquelas que não podem.¹⁵

O que permitiu mais ao homem o desenvolvimento desta sua ação prática foi a associação da técnica ao seu projeto de realização para a vida. O desenvolvimento da técnica fez surgir uma nova ideia de homem: o homem fragmentado, isto é, tem apenas partes do conhecimento, que lhe é determinado pelo mercado de consumo e pela ditadura do pensamento moderno. Utilizada desta forma, a técnica separa as pessoas e o homem torna-se ser individual, esquecendo sua necessidade de dirigir-se aos outros para a resolução dos problemas e a partilha da vida. A evolução da técnica possibilitou ao homem mudanças significativas na sua realidade de produção de conhecimento, como também nas atividades cotidianas que orientam o seu modo de vida em sociedade.

De fato, a técnica favorece o desenvolvimento do pragmatismo enquanto ação prática. Por isso, o progresso e a ampliação do pragmatismo podem estar associados ao avanço das tecnologias, programadas para realizar atividades controladas e as máquinas dependem do comando que o homem lhe der. É exatamente essa ação teórico-prática que torna acessível à ação do homem a produção de uma atividade visível. Nesse sentido, o pragmatismo se diferencia da metafísica – que tem como objetivo, explicar a causa, a origem das coisas –, como é, por exemplo, o caso do homem religioso que atribui status de verdade à determinada *coisa*. Mas, para isso, precisa estar fundamentado em princípios de fé, a partir de uma revelação. Além do mais, a verdade para este homem precisa ser fundamentada numa causa primeira, numa divindade, alguém que lhe é superior, alguém a quem chama *Deus*.

¹⁵ ADMARCO, Serafim. **Introdução ao Pensamento Filosófico**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p.178.

No mundo contemporâneo o Pragmatismo vem ganhando cada vez mais espaço, uma vez que o homem tem deixado de lado o conhecimento teórico, com o fim de mergulhar no universo da produção prática e da utilidade, conforme considera William James:

O pragmatismo volta as costas resolutamente e de uma vez por todas a uma série de hábitos inveterados, caros aos filósofos profissionais. Afasta-se da abstração e da insuficiência, das soluções verbais, das más razões a priori, dos princípios firmados, dos sistemas fechados, com pretensões ao absoluto e às origens. Volta-se para o concreto e empírico...¹⁶

Os pragmáticos geralmente defendem que a importância de uma ideia deve ser medida pela sua utilidade ou eficácia, para lidar com determinado problema. Neste sentido, o objetivo do Pragmatismo é claro quando se propõe a esclarecer e produzir conhecimentos que não consistem apenas num patrimônio intelectual – individual, mas que passa a ser expresso e acessível, enquanto objeto material. Desta forma, o Pragmatismo é uma teoria que pode favorecer a felicidade do homem, concebido como ideia voltada a desenvolver ações práticas que possam responder às necessidades do homem. Essa teoria tem como finalidade o bem da humanidade.

O ideal pragmático reconhece o homem como ser de ação. Por isso, James afirma que “o pragmatista fala a respeito de verdades no plural, sobre sua utilidade e caráter de satisfação, a respeito do êxito com que ‘trabalham’”¹⁷. Observando esta afirmação e relacionando-a à atividade prática do homem com o mundo do trabalho, percebe-se que existe uma perfeita sintonia entre a proposta dessa teoria com uma direção para realização de ações que sejam úteis e valorosas para a vida e que pode transformar e elevar o homem enquanto um ser material e também criativo, com um pensamento moderno que relativiza tudo. Estão comprometidos nesse pensamento, tanto o Homem quanto a Verdade: eis a crise conceitual e antropológica.

¹⁶ JAMES, W. **Pragmatismo e Outros Ensaios**; Trad.: Joseph L. Blau. Rio de Janeiro: Lidador, 1963, p. 20.

¹⁷ *Ibidem*, p. 25.

Por fim, com o desenvolvimento da tecnologia, a ideologia pragmática adere ao novo contexto provocado pelas mudanças científicas. Direcionado pelas necessidades criadas pelo homem, o pragmatismo torna-se cada vez mais presente, tanto como proposta voltada para realizar uma formação mais prática, como na aprendizagem realizada na experiência, através dessa tecnologia.

O entendimento a respeito do conhecer vai sendo esclarecido com a participação da ação do sujeito na construção do objeto, e não apenas na sua idealização. Só assim surge a possibilidade de haver uma escolha útil para sua vida. O conhecimento, na ideologia pragmática, é um instrumento de ação, que possibilita esclarecer o problema da verdade; no mundo contemporâneo, o critério de verdade ainda depende da avaliação que se expressa subjetivamente. Para o Pragmatismo, a verdade não possui uma teoria de princípios pré-estabelecidos: é tão relativa quanto qualquer outro conceito.

CAPÍTULO 4: CRISE ANTROPOLÓGICA: O HOMEM NA IDADE DA TÉCNICA

4.1- O ANTHROPOS¹⁸ ORIGINAL

O homem, desde que se percebeu como um Ser no mundo tenta constantemente alcançar uma evolução e vencer-se a si mesmo; muito embora, algumas vezes nem se apercebendo disso. Toda a vida humana é marcada por uma série de transformações: umas atribuem valor à pessoa humana; outras a desvalorizam de forma tão marcante, que chegam a atentar contra a sua própria existência.

Contudo, desde que este homem se deu conta de que possui uma faculdade que lhe é peculiar (a razão), sua vida o fez *diferente*; justamente pelo fato de ele o ser. Dentre tantos avanços alcançados pelo ser humano ao longo de sua caminhada racional, têm destaque merecido o avanço da Razão e o surgimento da Filosofia, como nova forma de ver e compreender o dado, o existente; o avanço Religioso, quando se percebe a manifestação ainda mais forte da religiosidade do homem e sua compreensão acerca de um Ser superior, Deus; o avanço da Ciência e suas técnicas e, quase que simultaneamente, da Tecnologia, com a criação do computador, a construção da bomba atômica, enfim!

4.2- CIÊNCIA E TECNOLOGIA, NO PERÍODO MODERNO

Com o avanço científico e tecnológico, muitos aspectos e propriedades do universo lógico e humano entram em crise. Isso, graças à constante descaracterização da ideia presente em cada objeto ou ser vivo. E não só! Há também a questão da descaracterização conceitual, seja no sentido do conhecimento, seja no sentido religioso e antropológico.

¹⁸ Do termo grego, ἄνθρωπος, transliterado para o português pela palavra *homem*.

Essa descaracterização se dá por uma série de fatores, que fazem com que a compreensão de diversas ideias ou conceitos seja alterada, e fazem com que o próprio homem se torne vítima dessa descaracterização. Menciona-se novamente aqui os MCM (com destaque, mais uma vez, à televisão) que, como um vendaval, invadem todos os lugares e a vida de todas as pessoas, e de uma só vez; e sem pedir permissão para isso. É importante destacar que essa descaracterização não é somente conceitual, pois, com o avanço e a instauração da Modernidade, tudo – até mesmo a ética e a moral – é desvalorizado, descaracterizado.

Embora o avanço científico e tecnológico tenha contribuído (e muito!) para a evolução do mundo – isso é inegável! –, também trouxe consigo muitos problemas, fazendo com que o próprio homem, criador e protagonista de todo esse avanço, fosse relativizado, e passasse a segundo plano, chegando a ser considerado como menos importante que sua própria criação: a questão do meio como fim. Isto se afirma baseado no que diz Umberto Galimberti, ao construir em seu discurso um posicionamento sobre a liberdade e sobre a radical mudança causada pela técnica nos dias atuais, como também em relação à verdade. Galimberti diz que a técnica traz benefícios para o homem e que isso deve ser reconhecido,

Mas temos que tomar consciência de que a técnica modifica radicalmente as figuras com que a humanidade pensou a si mesma. Por exemplo, modifica o conceito de verdade. Por este motivo, é verdadeiro o que é eficaz, o que faz efeito. Isso nunca se tinha dito, e modifica o conceito de liberdade, porque eu posso escolher só enquanto consigo ser tecnicamente competente; se não conseguir ser competente, de fato não posso escolher (...) Portanto, a liberdade é determinada pela competência técnica.¹⁹

Considerada esta declaração, pode-se chegar às próprias conclusões: na Modernidade, aquilo que antes era essencial, agora aparece simplesmente como descartável, sem valor, porque tem o seu sentido deturpado. É exatamente essa deturpação de sentido que caracteriza o Período Moderno como destrutivo da formação, liberdade e identidade do homem.

¹⁹ JAMES, W. **Pragmatismo e Outros Ensaios**; Trad.: Joseph L. Blau. Rio de Janeiro: Lidador, 1963, p. 25.

Quando a verdade já nem mais existe, é muito difícil conciliar valores com a escolha pessoal, liberdade com dignidade: o homem está reduzido, fragmentado.

4.3- O HOMEM, NA IDADE DA TÉCNICA

Na Idade da Técnica, o homem passou e passa por constantes processos de relativização, chegando a ser reduzido ao estado de *coisa*, medido – se é que realmente se pode medir o homem – pelas suas habilidades práticas, como bem confirma Galimberti, ao enfatizar a eficiência do homem que, nesse tempo, só é reconhecidamente homem, à medida que for tecnicamente competente; e é o que também nos diz João Paulo II, ao analisar o homem numa visão religiosa cristã, a partir de sua criação:

*Na criação, tudo está ordenado para o homem e tudo lhe fica submetido: “Enchei e dominai a terra. Dominai (...) sobre todos os animais que se movem na terra” (1,28) – ordena Deus ao homem e à mulher (...) confirma-se assim o primado do homem sobre as coisas: estas estão ordenadas ao homem e entregues à sua responsabilidade, enquanto por nenhuma razão pode o homem ser subjugado pelos seus semelhantes e como que reduzido ao estatuto de coisa.*²⁰

Com o reducionismo técnico, o homem é apenas objeto para uso pessoal. Agora a pessoa já não é mais vista por aquilo que realmente é, mas pelo que é capaz de produzir, pelas habilidades que possui e, se por acaso, surge alguém tecnicamente mais competente, aquela primeira pessoa é substituída sem nenhum tipo de problema, como uma peça de um grande jogo, no qual não se admite imperfeição. Na verdade, a Idade da Técnica acabou por transformar a vida do homem neste grande jogo, de modo que se torna impossível até mesmo uma sua escolha, sobre querer ou não participar dele.

Dentre tantas peculiaridades já destacadas, a Modernidade parece trazer consigo uma marca que se lhe é inseparável: por onde passa provoca grande confusão sobre o já presente e o novo proposto. E, quando determinada *coisa* já não lhe parece útil, simplesmente descarta.

²⁰ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica **Evangelium Vitae**, do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos, Presbíteros e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas, aos fiéis leigos e a todas as pessoas de boa vontade: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 69.

É bem a característico da Modernidade, com sua boa aparência e um discurso hipnótico, trazer consigo uma série de *vírus* – em linguagem moderna – para a vida do homem, infiltrando-os sem pressa, até que esteja tudo como planejado.

Dentro da Idade da Técnica está preso, num emaranhado confuso, que não lhe oferece opções, o homem: é ele o grande idealizador, planejador, protagonista, executor, e vítima. É aprisionado, devido ao fato de que grandes “invenções” lhe fugiram do controle; como exemplo, a Internet. O homem e sua vida são, na Modernidade e pela Técnica, um simples objeto que se tem à disposição para manuseio a bel desejo.

Há, nesse estágio da modernidade, uma grave e acentuada desvalorização do homem, enquanto Ser que faz parte do mundo e que deve comportar-se dentro dele, ao invés de se render ao que é secundário. Realizada uma análise a partir de uma escala hierárquica de valores morais da própria pessoa, entende-se o homem como o criador que se tornou vítima de sua criação; vítima daquilo que agora existe. Na verdade, vítima daquilo que ele próprio fez com que passasse a existir.

4.4- O MODERNO ENTENDIDO COMO PEDAGOGIA DA RELATIVIDADE

Em seu livro *A Derrota do Pensamento*, Alain Finkielkraut discute brevemente o que ele próprio considera como *pedagogia da relatividade*. Segundo ele, considerando o aspecto cultural humano, o homem, levado por este movimento relativista e fragmentário, está sujeito a perder aquilo que lhe é peculiar, o que não só lhe representa, mas identifica.

Segundo os argumentos levantados e sustentados por este autor, a modernidade ensina o homem a abandonar sua cultura, o meio no qual vive e suas próprias ideias, em nome de ideais que nem mesmo ele conhece a fundo; na verdade, nem sabe se verdadeiramente o beneficiam. Basta lembrar que o mercado de trabalho atual é o grande exemplo disto. Porém, no que respeita à cultura do homem, Finkielkraut expõe sua consideração:

Mas seria injusto estender essa crítica a todos os partidários da sociedade pluricultural (...) Para evitar que o homem se perca inteiramente em sua cultura, eles insistem, inversamente, na necessidade de contrariar a voz do instinto por uma pedagogia da relatividade. Espontaneamente o europeu gosta mais da Europa do que do resto do mundo, de sua pátria mais que a Europa e mais de sua família que sua pátria? Educar-se-ão, pois seus reflexos, e ele será ensinado a vencer suas preferências naturais.²¹

Tem-se em evidência um ponto interessante presente na realidade humana: a Modernidade chega de uma forma tão astuciosa que, basta um pouco de tempo para que o homem deixe de possuir até mesmo seus instintos, isto é, de certa forma o homem deixa de ser Homem. Não desligado desse aspecto cultural, é importante considerar ainda o modo como o homem é desvalorizado religiosamente, na Modernidade. Entendido no pensamento de João Paulo II como ser que anseia pelo seu Criador, o homem tende para Deus, pois é sua criatura.

Obra plasmada pelo Senhor e trazendo em si um traço indelével de Deus, o homem tende naturalmente para ele. Quando escuta o anseio profundo do coração, não pode deixar de fazer sua esta afirmação de Santo Agostinho: “Criastes-nos para vós, Senhor, e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousa em vós”.²²

4.5- UM PROCESSO DE *COISIFICAÇÃO*²³: O HOMEM REDUZIDO A INSTRUMENTO

Relativizando até mesmo as próprias ideias, o homem deixa de acreditar em si próprio: agora passível e num estatuto *irracional* aceita o que lhe é oferecido, como sendo verdadeiro; quando na realidade não o é. A pessoa deixa de ser valorizada e passa a ser tida como um simples instrumento na mão dos *partidários da sociedade pluricultural*. Isso ocorrendo, fica muito simples manusear o homem como bem se entende.

²¹ FINKIELKRAUT, Alain. **A Derrota do Pensamento**. Tradução: Mônica Campos de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 115.

²² JOÃO PAULO II. Carta Encíclica **Evangelium Vitae**, do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos, Presbíteros e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas, aos fiéis leigos e a todas as pessoas de boa vontade: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. p71.

²³ O termo "coisificação" (ou *reificação*, derivado do termo latino *res* = coisa) é considerado por muitos estudiosos como fenômeno observado desde a época da revolução industrial, quando os corpos dos trabalhadores e sua força produtiva eram reduzidos a meros instrumentos de enriquecimento para os donos do capital que, sem se importar com as consequências advindas do excesso da jornada e das condições adversas, impunham aos hipossuficientes econômicos condições degradantes de trabalho. Enquanto fenômeno, registra seu momento mais acentuado durante a Modernidade, quando a pessoa humana vê deslocada sua condição de *sujeito* à de *coisa*, perdendo sua essência e dignidade originais.

Está, portanto, entendida a proposta da Modernidade: fazer com que o homem perca sua identidade, sem ao menos tentar prever as consequências desta ação. Assim sendo, mesmo que pareça livre, na realidade está preso, sem saber como ou se pode sair: o que o mundo moderno consegue fazer é deixar o homem perdido dentro do seu próprio mundo e acabar por se perceber como um ser estranho numa realidade que já não lhe pertence. Em vez de dar suporte para uma vida melhor, o mundo cada vez mais *modernizado* e *tecnologizado* tira do ser humano os seus direitos fundamentais: o direito de decidir, de viver com dignidade, de ter a vida respeitada. O pior em tudo isso é que grande parte das pessoas nem percebe isso.

CAPÍTULO 5: BIOÉTICA PERSONALISTA: UMA PROPOSTA DE VALOR À VIDA

Graças à Modernidade, a vida do homem se encontra atualmente num disfarçado e imperceptível processo de conflito e guerra. E esta é, de fato, invisível aos olhos da quase totalidade das pessoas.

Considerando a crítica à Modernidade, é de extrema importância tratar de uma questão atualíssima: o valor da Vida Humana. Tal discussão, embora devesse estar presente em todos os campos do conhecimento, é explorada apenas pela Bioética Personalista, que valoriza a pessoa indivisivelmente. Hoje em dia a Bioética é vista como o grande escudo em defesa da vida; ou, às vezes, como a grande *intrometida* no que não lhe diz respeito.

5.1- ORIGEM E IDEAL DA BIOÉTICA PERSONALISTA

Surgido no século passado, na década 1970, o termo *Bioética* foi usado a primeira vez por Van Potter, e é entendido aqui como um casamento entre: o julgamento (pensamento) filosófico sobre a Ética nas aplicações (atividades) Científicas. Elio Sgreccia, teólogo italiano, narra como se deu a repentina repercussão do termo usado:

Desde cerca de vinte anos atrás – em 1970 –, quando apareceu o vocábulo “bioética” no artigo escrito pelo oncólogo Van Rensselaer Potter, com o título *The science of survival*, e, no ano seguinte, no volume do mesmo autor com o título *Bioethics: bridge to the future*, é útil percorrer de novo o caminho do movimento de idéias que com esse nome teve um rápido e grande sucesso.²⁴

A ideia de bioética vem carregada de artifícios que visam a proteção integral da pessoa humana. Fruto de um discurso essencialmente antropológico, este pensamento segue linha e ideal personalistas, não admitindo a fragmentação proposta pela modernidade e a idade da técnica. Uma fragmentação do homem, do ponto de vista bioético, é causa de perda da essência do que é fundamental e moral.

²⁴ SGRECCIA, Elio. **Manual de Bioética – I - Fundamentos e Ética Biomédica**. Tradução: Orlando Soares. São Paulo: Loyola, 1996. p. 23.

De fato, o homem deve ter preservados os seus direitos e sua pessoa como um todo, independente de suas convicções políticas ou religiosas, étnicas ou culturais. Acerca das finalidades da Bioética, Sgreccia diz:

As *finalidades* da Bioética consistem na análise racional dos problemas morais ligados à biomedicina e de sua conexão com as áreas do direito e das ciências humanas. Implicam elas a elaboração de linhas éticas fundadas sobre os valores da pessoa e sobre os direitos do homem, respeitadoras de todas as confissões religiosas, com fundação racional e metodológica cientificamente adequada. Essas linhas éticas têm também finalidade aplicativa, pela orientação que poderá ser dada, mais que à conduta pessoal, também ao direito *condenado* e aos códigos deontológicos profissionais atuais e futuros.²⁵

Em pleno século XXI, *tudo* – agora mais do que nunca! – *é relativo*. Vive-se em um mundo *des-sacralizado*, onde a pessoa deixa de ser vista na sua integralidade, onde o homem deixa de ser homem e passa a ser *coisa*, onde a vida é assassinada. A Bioética surge como um grito de “Socorro!” em favor da vida, sempre mais desrespeitada.

Em sociedades cada vez mais capitalistas, interessadas somente na evolução econômica e tecnológica – e estas voltadas apenas para seus próprios interesses (o lucro, principalmente) –, a Vida deixa de ser importante, passando a ser considerada em segundo plano: o importante é o progresso; o Homem não tem mais dignidade.

5.2- DIGNIDADE HUMANA, CIÊNCIA E ABORTO

Conceituando resumidamente dignidade, pode-se dizer que se caracteriza como “o valor absoluto e inviolável da pessoa”²⁶. Tratando de uma questão bioética específica e atual, tem destaque o aborto, aqui criticada a sua aprovação. De acordo com o discurso bioético e o pensamento filosófico personalista, o aborto é considerado como uma das formas mais infames e repugnantes de desvalor e atentado à vida.

²⁵ Ibidem. p. 44.

²⁶ MENDES, Luiz Carlos Figueredo. **A Perda da Dignidade Humana como Conseqüência do Distanciamento do Absoluto. Enfoques a partir do pensamento de Pico Della Mirandola e de João Paulo II.** Monografia de Conclusão de Curso. Instituto Regional para Formação Presbiteral. Ananindeua. 2006. p. 36.

A ciência experimenta o homem de forma assustadora: o expõe à condição de mercadoria, de *coisa*; e o pior, de “*coisa* descartável”. Isso é muito fácil constatar: basta um simples *olhar* ao redor, para perceber a fantástica e espetacular exposição do ser humano. Agora, *estar na moda* é o que mais importa. O exterior vale mais do que o interior em certas pessoas: por fora o cheiro é agradável; por dentro existe alguém apodrecido, incapaz de perceber o seu próprio mau odor, graças à falsa crença num essencial ainda menos verdadeiro.

Se assim se percebe a realidade, a pessoa não passa de um produto para o consumo e deleite particular de outros tantos. É tratada como produto de comércio que, quando não serve mais, é lançado ao lixo e lá conclui seu processo de apodrecimento e decomposição. Não é preciso lançar longe o olhar, basta ver a questão da pobreza no Brasil, a influência da moda, o consumo de drogas nos dias atuais... O que se pensa estar criando para o Homem? A escolha por este caminho seria culpa apenas de cada pessoa alienada à essa ideologia? Se a época (tempo e realidade) não exerce influência sobre os seus contemporâneos, então a história não passa de uma grande mentira!

O aborto é a morte da vida! Hoje se questiona muito sobre a legalização do aborto no Brasil e em outros países cujas populações tendem a crescer. O próprio crescimento numérico das populações é usado para respaldar esta prática, dentre outros motivos nada convincentes ou relevantes para o progresso da vida humana, segundo uma ótica moderna.

Em alguns países chamados *de primeiro mundo* o aborto é legal. Contudo, o que se vê é mais uma vez a manifestação de um relativismo ético, que em nada valoriza a vida e, como todas as outras formas de relativismo, visa apenas interesses particulares. Destacar nesse momento da discussão o relativismo, remete à questão da técnica que, acompanhando o conhecimento científico, quer sempre mais evoluir e chegar ao progresso e à sua plena realização; experimentar é a solução! As consequências disso nunca são exata e cuidadosamente consideradas.

A Modernidade nunca é desprevenida. É como um grande polvo: quando ataca, usa seus tentáculos, imobiliza e domina seu adversário. Aos poucos, sufoca sua presa até matá-la, realizando seu desejo inicial. Segundo a Enciclopédia Logos, o aborto é “entendido como eliminação de um ser humano no período de vida compreendido entre a fecundação e o nascimento”²⁷.

No Brasil, o tema do aborto ainda gera acentuada polêmica, dividindo opiniões; e isso ocorre nos mais diversos segmentos do conhecimento e da sociedade. Considerada esta realidade local, é interessante destacar o trabalho da Doutora Elizabeth Kipman Cerqueira, mulher brasileira, que dedica parte de sua vida em defesa da *Vida*, mostrando que na ciência (precisamente na medicina) pode e deve existir a ética, visto que a ciência o é somente à medida que favorece a vida. A Dra. Elizabeth Kipman, em seu comentário a respeito do aborto, procura significar o conceito, dentro de uma concepção ética da vida, dizendo que

Abortar significa interromper a gravidez, com ou sem expulsão do embrião ou o feto, antes que ele tenha condições de vitalidade, ou seja, interrompe-se a vida de um ser humano.²⁸

O cientista Lejeune Jerônimo professor na Universidade René Descartes, em Paris dedicou sua vida ao estudo da genética fundamental. Tido como o descobridor da Síndrome de Dawn, em seu comentário sobre o início da vida, diz:

Não quero repetir o óbvio, mas, na verdade a vida começa na fecundação. Quando os 23 cromossomos masculinos se encontram com os 23 cromossomos da mulher, todos os dados genéticos que definem o novo ser humano estão presentes. A fecundação é o marco do início da vida. Daí pra frente, qualquer método artificial para destruí-lo é um assassinato.²⁹

Ligados os posicionamentos e as considerações de alguns grupos favoráveis ao aborto, é atestada a predominância no Brasil de uma visão capitalista e demasiadamente pragmatista, que favorece os interesses do lucro, do *progresso* e da boa imagem diante dos grandes países;

²⁷ LOGOS. **Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia**. IV vol. Lisboa/São Paulo: Verbo,1992. p. 15.

²⁸ AA.VV. **Vida: o primeiro Direito da Cidadania**. Goiânia: Bandeirante, 2005. p. 18.

²⁹ Lejeune Jerônimo. Apud AA.VV. **Vida: o primeiro Direito da Cidadania**. Goiânia: Bandeirante, 2005. p. 10.

este ponto parece bem mais relevante do que a valorização, garantia e conservação da própria vida das pessoas deste país. Legalizar o aborto significa autorizar um crime, significa dar a determinadas pessoas direito e permissão para matar.

5.3- UMA CULTURA DE MORTE

Graças à Modernidade já não se pode mais dizer que existem culturas, pois com a chamada globalização – fenômeno próprio e característico do período moderno – tudo transformou-se numa grande mistura: eis a confusão em determinados setores da vida atual, da qual se falou anteriormente. A este respeito, Elio Sgreccia considera que

Dever-se-ia examinar também o aspecto cultural porque, indubitavelmente, a autorização e a legalização do aborto é vista por algumas culturas ou subculturas como uma escolha de civilidade; para outros, ao contrário, é um dos sinais mais alarmantes da cultura de morte.³⁰

“Cultura de Morte” é um termo utilizado para caracterizar de maneira mais enfática assuntos como o do aborto. E este se manifesta claramente como expressão – e das mais catastróficas possíveis – da chamada cultura de morte. Com o aborto, acentua-se a desvalorização da Vida. Se ninguém reivindica, grita e se opõe, a vida chegará à sua mais completa degradação, considerando o que os estudiosos já discutem, de que o aborto é a forma mais covarde de atentar contra a vida humana: mata-se uma criança que não pode sequer defender-se. O aborto é o extermínio da vida.

João Paulo II, ao considerar o valor da vida humana, relembra as palavras da Assembléia Conciliar, do Concílio Vaticano II (1965) e reafirma:

Tudo o que atenta contra a própria vida, como qualquer espécie de homicídios, o genocídio, o aborto, a eutanásia e o próprio suicídio voluntário, tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, as torturas físicas ou morais e as tentativas de dominação psicológica; tudo o que ofende a dignidade humana, como as condições infra-humanas de vida, os encarceramentos arbitrários, as deportações, a escravidão, a prostituição, o mercado de mulheres e jovens e também as condições degradantes de trabalho, que reduzem os operários a meros instrumentos de lucro, sem respeitar-lhes a personalidade livre e responsável: todas estas práticas e outras

³⁰ SGRECCIA, Elio. **Manual de Bioética – I - Fundamentos e Ética Biomédica**. Tradução: Orlando Soares. São Paulo: Loyola, 1996. p. 340.

semelhantes são efetivamente dignas de censura. Enquanto elas inficionam a civilização humana, desonram mais os que se comportam desta maneira, do que aqueles que padecem tais injúrias.³¹

O mais absurdo em tudo isso é que, com o progresso científico e tecnológico nos dias atuais, “nascem outras formas de atentados à dignidade do ser humano, enquanto se delinea uma nova situação cultural que dá aos crimes contra a vida um *aspecto inédito e – se é possível – ainda mais iníquo...*”³². O mercado capitalista mundial é grande exemplo do que se aborda aqui; é a máquina internacional, globalizada: elabora suas próprias regras, e o faz, não de acordo com as necessidades humanas, mas com um interesse próprio. Isso faz com que o homem, sendo tratado como produto, perca o direito de viver. É preciso valorizar o homem no seu aspecto mais profundo, na sua integralidade. Dividir o homem é desvalorizar a vida existente. Fragmentá-lo, reduzi-lo, é o mesmo que matá-lo.

³¹ COMPÊNDIO DO VATICANO II – Constituições, Decretos, Declarações. **Gaudium et Spes**: Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. 29. ed. Petrópolis, 2000. n. 27. p. 171.

³² JOÃO PAULO II. Carta Encíclica **Evangelium Vitae**, do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos, Presbíteros e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas, aos fiéis leigos e a todas as pessoas de boa vontade: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. p10.

CAPÍTULO 6: EM DEFESA DA VIDA HUMANA

Verdadeiramente o Período Moderno não é o único *culpado* pela realidade atual. Mas, criticá-lo, mostrando como se inicia e desenvolve o processo de desvalorização da pessoa humana, faz com que sejam abordadas questões altamente importantes, que se manifestam durante este tempo. A predominância de uma concepção deturpada do valor da vida humana é altamente incômoda, uma vez que a vida humana merece e deve ser valorizada na sua integralidade: homem completo, sem fragmentação.

É impossível compreender de forma racional o homem, se não se realiza uma análise nele inteiro. Os mistérios que se revelam nele, devem ser contemplados e preservados, afinal: que outro ser nesse universo possui as capacidades e propriedades que o homem possui? João Paulo II, a esse respeito, faz suas as palavras do Eclesiastes, quando afirma que “todas as coisas que Deus fez são boas no seu tempo. Além disso, pôs no coração [do homem] a duração inteira, sem que ninguém possa compreender a obra divina de um extremo ao outro (Ecl 3,11)”³³.

O papa do século XX concebe o homem a partir de uma compreensão cristã, associando-o ao seu Criador. Lembrando Santo Ireneu de Lyon, ele afirma: “A glória de Deus é o homem vivo”³⁴. Sendo assim, constata-se também na teologia dos santos padres da Igreja uma valorização da vida humana, de modo que o homem não é visto como pequeno e insignificante, mas como grande e importante na obra da criação divina. Ele tem dignidade; e é o que mais uma vez afirma João Paulo II: “Ao homem foi dada *uma dignidade sublime*, que tem as suas raízes na ligação íntima que o une ao seu Criador: no homem, brilha um reflexo da própria realidade de Deus”³⁵. Valorizar a pessoa humana, como obra grandiosa da criação de Deus é valorizar a vida, uma vez que o homem é a mais perfeita obra “saída” das mãos do Criador, sujeito para o qual Deus dedicou tudo o que criou.

³³ Ibidem. p. 64.

³⁴ Ibidem. p. 68.

³⁵ Ibidem. p. 68-69.

E mais – acrescenta o papa: “Deus não é o autor da morte, a perdição dos vivos não lhe dá nenhuma alegria. Porquanto ele criou tudo para a existência’ (Sb 1,13-14)”³⁶. Conclui-se, portanto que a vida deste homem deve ser valorizada e preservada. Caso contrário, todo o restante do que existe perderia o sentido.

6.1- UM DEFENSOR DA VIDA

Deus é aquele que defende a vida, pois é obra Sua. João Paulo II afirma no seu *Evangelho da Vida* que “o mandamento de Deus, orientado para a defesa da vida do homem, tem a sua dimensão mais profunda na exigência de *veneração e amor* por toda pessoa e sua vida”³⁷. Retoma-se o que foi já abordado sobre o aborto: todo ser humano, desde a sua concepção deve ser respeitado, e o seu direito à vida deve ser valorizado e garantido. Essa tarefa, no entanto, não cabe apenas aos cristãos, como ressalta João Paulo II, mas a todos da mesma forma, já que o compromisso pela vida é dever de cada pessoa que goza de vitalidade.

O saudoso Pontífice considera:

A questão da vida e sua defesa e promoção não é prerrogativa unicamente dos cristãos. Mesmo se recebe uma luz e força extraordinária da fé, aquela pertence a cada consciência humana que aspira pela verdade e vive atenta e apreensiva pela sorte da humanidade. Na vida, existe seguramente um valor sagrado e religioso, mas de modo algum este interpela apenas os crentes: trata-se, com efeito, de um valor que todo ser humano pode enxergar, mesmo com a luz da razão, e, por isso, diz necessariamente respeito a todos.³⁸

Para que se possa usufruir de uma sociedade, de um mundo, onde o homem viva em paz e harmonia com seus semelhantes e com a natureza, é necessário priorizar a valorização da vida, de modo que tudo seja feito em relação àquele que existe de mais importante, enquanto manifestação da vida no mundo: o homem.

De fato, não é possível construir o bem comum sem reconhecer e tutelar o direito à vida, sobre a qual se fundamentam e desenvolvem todos os restantes direitos inalienáveis do ser humano. Nem pode ter sólidas bases uma sociedade que se contradiz radicalmente, já que por um lado afirma valores como a dignidade da

³⁶ Ibidem. p. 78.

³⁷ Ibidem. p. 81.

³⁸ Ibidem. p. 200-201.

pessoa, a justiça e a paz, mas por outro aceita ou tolera as mais diversas formas de desprezo e violação da vida humana, sobretudo se fraca e marginalizada. Só o respeito da vida pode fundar e garantir bens tão preciosos e necessários à sociedade como a democracia e a paz.³⁹

Portanto, compreendendo ser esta a forma correta de conceber a vida humana, conclui-se que de nada adianta uma realidade evoluída tecnologicamente, ou um mundo globalizado em tantos aspectos, de nada adianta países pobres elevarem seu status social, ou sua economia ascender rapidamente, se o homem como pessoa não é valorizado e sua vida ainda é massacrada! É preciso fazer ressoar a mensagem do valor da vida humana, de modo a desenvolver a consciência de que, em meio a tantas coisas importantes a tratar, é indispensável priorizar a pessoa humana, centro da existência.

Valorizar a pessoa humana integral e reconhecer a sua dignidade é o mesmo que valorizar a criação, é ver o homem como aquele “portento milagre”⁴⁰, do qual fala Pico Della Mirandola – no início desta apresentação – ao ressaltar a importância da valorização do homem, afirmando que ele goza de dignidade e que esta lhe deve ser assegurada sempre.

³⁹ Ibidem. p. 201-202.

⁴⁰ MIRANDOLA, Pico Della. **Dignidade do Homem**. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 1985. p. 37.

CONCLUSÃO

Ao longo de toda essa apresentação, o que é mais evidente à compreensão é a forma com a qual a Modernidade concebe o homem, além de salientar como se deu o processo de construção dessa Pedagogia da Relatividade, ou processo de relativismo antropológico e moral. Enquanto isso, o destaque de problemas como o da desvalorização da vida humana que, na Modernidade se manifesta de forma fortemente acentuada.

O direito à vida, defendido nessa exposição e reforçado por João Paulo II, dentre outros teóricos, é um dos pontos de maior importância em toda essa construção. É fundamental observar que o homem tem o direito de viver; e viver com dignidade, sendo respeitado e preservado.

Sobre a questão da presença da Técnica nos dias atuais, considerando de quantos modos ela se manifesta, é justo reconhecer que ela proporciona ao mundo humano e social, diversos avanços, seja no campo científico, cultural, histórico ou tecnológico; como também se faz justa toda a abordagem realizada sobre os efeitos negativos que esta realiza. O interessante é perceber que não se descarta o mérito de que, na Modernidade, tanto o mundo, quanto o homem evoluíram. É justo, porém, observar que neste mesmo período histórico o homem sofre um processo catastrófico de redução de sua pessoa; e, não se diz “catastrófico” sem respaldo. A catástrofe ocorre quando a *humanidade* da pessoa é agredida, como no caso destacado do aborto.

Se a vida do homem é vista de forma des-atenta, não passa de um espetáculo, diante do qual cada um observa e concebe de acordo com o que lhe convém. O homem parece ser simples espectador, ator de um enredo sem sentido, protagonista da desvalorização de sua integralidade enquanto pessoa.

Destacando a tecnologia – em especial a televisão –, manifestação da realidade moderna onde está presente o homem, José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli ressaltam:

Mas não é só na condição de espectadores que fazemos parte do mundo da televisão, da imagem e da realidade virtual. A técnica das videocâmaras que invadiu as nossas vidas e as nossas casas permite a captura e o transporte de nossas imagens para as telas. Querendo ou não, eu também passo a ser um “ator” (...) Meus movimentos são registrados, classificados, armazenados em fitas que poderão ser consultadas por policiais, sociólogos e cientistas ou por simples curiosos com acesso a determinado acervo.⁴¹

Na citação acima, os autores destacam a forma como o homem é exposto de diversas formas, na chamada Idade da Técnica. O respeito à vida parece não importar tanto. Preservá-la, menos ainda. O que interessa mesmo é avançar cada vez mais, buscando um ofuscado progresso, dentro do qual o homem é reduzido, sua vida desvalorizada, interesses secundários priorizados, meios se tornando fins. O homem é privado de sua personalidade, é só um objeto.

É preciso, nos dias atuais, perceber e agir de forma que a vida humana e sua qualidade sejam o que mais importa. Do contrário, a existência do restante perde seu sentido e o que se instaura, sem nenhum tipo de ressentimento, é a denominada Crise da Modernidade, num processo de perda conceitual e moral; diante da qual a filosofia personalista do século XX se opõe radicalmente, condenando, sobretudo, o Relativismo Antropológico e todas as suas formas manifestação.

⁴¹ ARBEX, José; TOGNOLI, Cláudio Júlio. **Mundo Pós-Moderno**. São Paulo, Editora Scipione, 1996. p. 13.

REFERÊNCIAS

AA.VV. **Vida: o primeiro Direito da Cidadania**. Goiânia: Bandeirante, 2005.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia / Nicola Abbagnano**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ADMARDO, Serafim. **Introdução ao Pensamento Filosófico**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2000

ARBEX, José; TOGNOLI, Cláudio Júlio. **Mundo Pós-Moderno**. São Paulo, Editora Scipione, 1996.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Sabedoria 9, 11. São Paulo: Paulus, 2001.

COMPÊNDIO DO VATICANO II – Constituições, Decretos, Declarações. **Gaudium et Spes**: Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. 29. ed. Petrópolis, 2000.

FINKIELKRAUT, Alain. **A Derrota do Pensamento**. Tradução: Mônica Campos de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GALIMBERTI, Humberto. **A Arte na Idade da Técnica** – Entrevista à Caterina Falomo. Disponível em <http://www.socialist.net/caffe/intergalimberti.htm>, Acessado em 13/07/2003. Revisto em 25/06/2013, em <http://www.lacritica.net/galimberti.htm>.

JAMES, W. **Pragmatismo e Outros Ensaios**; Tradução: Joseph L. Blau. Rio de Janeiro: Lidor, 1963.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Evangelium Vitae**, do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos, Presbíteros e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas, aos fiéis leigos e a todas as pessoas de boa vontade: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. **Fides et Ratio**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

_____. **Memória e Identidade de João Paulo II**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

LOGOS. **Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia**. IV vol. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1992.

MENDES, Luiz Carlos Figueredo. **A Perda da Dignidade Humana como Conseqüência do Distanciamento do Absoluto. Enfoques a partir do pensamento de Pico Della Mirandola e de João Paulo II**. Monografia de Conclusão de Curso. Instituto Regional para Formação Presbiteral. Ananindeua. 2006.

MIRANDOLA, Pico Della. **Dignidade do Homem**. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 1985.

_____. **Discurso sobre a Dignidade do Homem**. 70. ed. Lisboa, 1989.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

SGRECCIA, Elio. **Manual de Bioética – I - Fundamentos e Ética Biomédica**. Tradução: Orlando Soares. São Paulo: Loyola, 1996.